

LITERATURA BRASILEIRA

Textos literários em meio eletrônico

Um Homem superior, de Machado de Assis

Edição referência: <http://www2.uol.com.br/machadodeassis>

Publicado originalmente em Jornal das Famílias 1873

I

Após uma noite de insônia, saiu Clemente Soares da casa em que morava, à Rua da Misericórdia, e entrou a caminhar à toa pelas ruas da cidade.

Eram quatro horas da manhã.

Os homens do gás começavam a apagar os lampiões, e as ruas, ainda não bem alumadas pela aurora, que apontava apenas, apresentavam um aspecto lúgubre. Clemente caminhava lento e pensativo. De quando em quando abalroava nele uma quitandeira que se dirigia para as praças do mercado com o cesto ou o tabuleiro à cabeça, acompanhada de um preto que levava outro cesto e a barraca. Clemente parecia despertar dos seus devaneios, mas recaía logo neles até nova interrupção.

À proporção que o céu clareava, abriam-se as portas dos botequins, para fazer concorrência aos vendedores de café ambulantes que desde a meia-noite percorriam a cidade em todos os sentidos. Ao mesmo tempo começavam a passar os trabalhadores dos arsenais atroando as ruas com os seus grossos tamancos. Não poucos entravam nos botequins e aqueciam o estômago.

Os entregadores dos jornais concluíam a sua tarefa com aquela precisão de memória que sempre invejei a esses funcionários da imprensa. As tavernas abriam as suas portas e ornavam os portais com as amostras do uso. Daí a pouco era completamente dia; já a cidade começava a levantar-se toda; numerosas pessoas transitavam a rua; as lojas de todo gênero abriam as suas portas... Era dia.

Clemente Soares não deu fé de toda esta gradual mudança; continuou a andar à toa, até que, cansado, foi ter à Praia de Santa Luzia, e aí ficou a olhar para o mar.

Em qualquer outra circunstância é muito provável que Clemente Soares admirasse o quadro que se lhe apresentava ante os olhos. Mas naquela ocasião o pobre rapaz olhava para dentro. Tudo à roda dele lhe era indiferente; um grande pensamento o preocupava.

Que pensamento?

Não era novo; era um pensamento quase tão velho como o mundo, um pensamento que

só há de acabar quando acabarem os séculos.

Não era bonito; era um pensamento feio, repelente, terrível, capaz de trazer à mais bela alma a mais completa demência, e fazer de um gênio um idiota.

Não era obscuro; era um pensamento claro, evidente, incontestável, diáfano, um pensamento simples, que dispensava toda e qualquer demonstração.

Clemente Soares não tinha dinheiro.

Só o muito amor que tenho aos leitores me dispensa de fazer aqui a longa dissertação que este assunto está pedindo. Demais, para alguns deles seria inútil a dissertação. A maior parte dos homens há de ter compreendido, ao menos uma vez na vida, o que é não ter dinheiro. A moça que vê o namorado distraído, o amigo que vê o amigo passar por ele sem lhe tirar o chapéu, antes de fazer qualquer juízo temerário, deve perguntar consigo: estará ele sem dinheiro?

Clemente Soares, pois, estava nessa precária situação. Não tinha dinheiro, nem esperanças de o ter, posto fosse um rapaz engenhoso e cheio de recursos.

Não era contudo tão grande a falta que não pudesse almoçar. Introduzindo na algibeira do colete o indicador e o polegar, como quem tira uma pitada, arrancou de lá dois cartões da barca Ferry; e era quanto bastava para um almoço no Carceller.

Desceu pela Rua da Misericórdia, entrou em casa para pesquisar as gavetas a ver se encontrava um charuto esquecido; teve a fortuna de encontrar dois cigarros, e foi almoçar. Duas horas depois estava em casa almoçado e fumado. Tirou de uma velha estante um volume de Balzac e dispôs-se a esperar o jantar.

E de onde viria o jantar?

O jantar não preocupava muito a Clemente Soares. Costumava obter esse elemento da vida na casa comercial de um amigo, aonde não ia almoçar, a fim de não parecer que não tinha com quê. Não se diria o mesmo do jantar, porque o dito amigo lhe dissera uma vez que lhe faria grande obséquio em ir lá jantar todos os dias. Do almoço não disse o mesmo; por isso Clemente Soares não se atrevia a lá ir.

Clemente era orgulhoso.

E não são incompatíveis a necessidade e o orgulho! O desditoso mortal a quem a natureza e a fortuna deram estes dois flagelos, pode dizer que é a mais triste de todas as criaturas.

II

A casa de Clemente Soares não tinha o aspecto miserável que a algibeira do rapaz fazia crer. Via-se que era casa onde já houvera alguma coisa, embora pouca. Era casa de rapaz solteiro, adornada com certo gosto, no tempo em que o dono gozava de sofrível

ordenado.

Alguma coisa lhe faltava, mas não era do necessário; senão do supérfluo. Clemente vendera, apenas, alguns livros, dois ou três vasos, uma estatueta, uma charuteira e poucas coisas mais, que não faziam grande falta. E quem o visse ali, estendido no sofá, metido em um chame, lendo um volume encadernado em Paris, diria que o bom rapaz era um estudante rico, que havia falhado a aula e enchia com alguma distração as horas, até receber uma carta da namorada.

Namorada! Havia efetivamente na vida de Clemente Soares uma namorada, mas já pertencia aos exercícios findos. Era uma menina galante como uma das Graças, mas que na opinião de Clemente ficou tão feia como uma das Fúrias, desde que soube que o pai apenas teria umas cinco apólices.

Clemente Soares não tinha coração tão mesquinho que se deixasse vencer por cinco apólices. Demais, não a namorava muito disposto ao casamento; foi uma espécie de aposta com outros rapazes. Trocou algumas cartinhas com a moça e precipitou o desenlace da comédia fazendo uma retirada airosa.

Carlottinha não era felizmente moça de grandes enlevos. Deu dois murros no ar quando adquiriu certeza da retirada do rapaz, e travou namoro com outro que lhe andava a rondar a porta.

Fora esse o único amor, ou coisa que o valha, do nosso Clemente, que daí em diante não procurou outras aventuras.

E como o fazia agora, que se achava desempregado, sem vintém, cheio de ambições, vazio de meios?

Nem pensava nisso.

Era perto das três horas da tarde, quando recebeu um bilhete do amigo em cuja casa costumava jantar.

Dizia assim:

Clemente. Não deixes de vir hoje. Temos um negócio. Teu Castrioto.

A recomendação era inútil; Clemente não deixaria de lá ir, mas a segunda parte do bilhete era rutilante de promessas.

Daí a pouco estava em casa de Castrioto, honrado negociante de fazendas, que o recebeu com duas ou três graças de boa intimidade e o levou para o fundo da loja onde lhe propôs um emprego.

— O Medeiros, disse ele, está sem guarda-livros. Quer você ir para lá?

Isso era um raio de sol que alumia a alma do mísero Clemente; todavia, como na gratidão entra sempre um tanto de diplomacia, recebeu Clemente a notícia e a oferta com ar de calculada indiferença.

— Não duvido ir, disse ele, mas...
— Mas o quê?
— Você bem sabe que eu já estive em casas que...
— Já sei, interrompeu Castrioto, fala do ordenado.
— Justo.
— Três contos e seiscentos, serve?

Clemente estremeceu dentro de si; mas achou conveniente fazer uma pergunta:

— Com comida?
— E casa, se quiser, respondeu Castrioto.
— Serve. Obrigado.

E dizendo isto, apertou Clemente Soares as mãos do amigo, desta vez com todas as mostras de entusiasmo, o que alegrou muito a Castrioto, que o estimava deveras.

— Eu já tinha alguma coisa em vista, disse Clemente depois de alguns instantes; mas era precário e inferior ao que você me oferece.

— Pois vá lá amanhã, disse Castrioto; ou, melhor, iremos logo depois do jantar.

Assim se fez.

Logo depois do jantar conduziu Castrioto o amigo à casa do Medeiros, que recebeu com extremo prazer o novo guarda-livros. E no dia seguinte entrou Clemente Soares no exercício das suas novas funções.

III

Em dois simples capítulos vimos um rapaz desarranjado e arranjado, pescando um cartão de barca no bolso do colete e ganhando três contos e seiscentos mil-réis por ano.

Não se pode andar mais depressa.

Mas por que fui eu tão longe, quando podia apresentar Clemente Soares já empregado, poupando à piedade dos leitores o espetáculo de um rapaz sem almoço certo?

Fi-lo para que o leitor, depois de presenciar as finezas do negociante Castrioto, se admirasse, como lhe vai acontecer, de que Clemente Soares ao cabo de dois meses esquecesse de tirar o chapéu ao ex-anfitrião.

Por quê?

Pela razão simples de que o excelente Castrioto teve a infelicidade de falir, e alguns amigos começaram a desconfiar de que falira fraudulentamente.

Castrioto ficou assaz magoado quando lhe aconteceu esta aventura; mas era homem filósofo e tinha quarenta anos feitos, idade em que só um homem de singular simplicidade pode ter ilusões a respeito da gratidão humana.

Clemente Soares tinha o seu emprego e o desempenhava com extrema solícitude.

Alcançou não ter hora certa para entrar no escritório e, com esta, outras mais facilidades que lhe deu o dono da casa.

Já nesse tempo não havia aquele rigor antigo, que não permitia aos empregados de uma casa comercial certos usos da vida gamenha. Usava pois o nosso Clemente Soares tudo quanto a moda prescrevia. No fim de um ano, Medeiros elevou-lhe o ordenado a quatro contos e seiscentos mil-réis, com a esperança de interesse na casa.

Clemente Soares ganhou depressa a estima do dono da casa. Era solícito, zeloso, e sabia levar os homens. Dotado de inteligência aguda, e instruído, resolvia todas as dúvidas que estavam acima do entendimento de Medeiros.

Não tardou, pois, que fosse considerado pessoa necessária no estabelecimento, verdadeiro alvo de seus esforços.

Ao mesmo tempo tratou de se descartar de certos conhecimentos do tempo em que tinha o almoço casual e a ceia incerta. Clemente Soares professava o princípio de que a um pobre não se tira chapéu em nenhuma hipótese, salvo se se encontram num beco deserto, e ainda assim sem grandes mostras de intimidade, a fim de não dar confiança.

Desejoso de subir, não faltou Clemente Soares ao primeiro convite que lhe fez Medeiros para um jantar que dava em casa a um diplomata estrangeiro. O diplomata simpatizou com o guarda-livros, que daí a oito dias lhe fez uma visita.

Com estas e outras traças foi o nosso Clemente penetrando na sociedade que convinha ao seu gosto, e não tardou que lhe chovessem em casa os convites de bailes e jantares. Cumpre dizer que já nesse tempo o guarda-livros tinha um interesse na casa de Medeiros, que o apresentava orgulhosamente como seu sócio.

Nesta situação só lhe faltava uma noiva elegante e rica.

Não lhe faltava onde escolher; mas não era isso tão fácil como o resto.

As noivas ou eram ricas demais ou pobres demais para ele. Mas Clemente confiava na sua estrela, e esperava.

Saber esperar é tudo.

Uma tarde, passando pela Rua da Quitanda, viu apear-se de um carro um velho e pouco depois uma linda rapariga, que ele conheceu imediatamente.

Era Carlotinha.

A moça trajava como quem possuía, e o velho tinha um ar que cheirava a riqueza a cem léguas de distância.

Era marido? padrinho? tio? protetor?

Clemente Soares não pôde resolver este ponto. O que lhe pareceu foi que o velho era homem de serra-acima.

Tudo isto pensou ele enquanto tinha os olhos cravados em Carlotinha, que estava

esplêndida de beleza.

Entrou o par numa loja conhecida de Clemente, que também lá entrou para ver se a moça o reconhecia.

Carlota reconheceu o antigo namorado, mas nenhuma fibra do rosto se lhe contraiu; comprou o que ia buscar, e entrou com o velho no carro.

Clemente ainda teve idéia de chamar um tálburi, mas desistiu da idéia, e seguiu direção oposta.

Durante toda a noite pensou na gentil menina que ele havia deixado em outro tempo. Entrou a perguntar a si mesmo se aquele velho seria marido dela, e se ela havia enriquecido com o casamento. Ou seria um padrinho rico, que resolvera deixá-la por herdeira de tudo? Todas estas idéias galoparam na cabeça de Clemente Soares, até que o sono se apoderou dele.

De manhã tudo estava esquecido.

IV

Dois dias depois, quem lhe havia de aparecer no escritório?

O velho.

Clemente Soares apressou-se a servi-lo com toda a solicitude e zelo.

Era um fazendeiro, freguês da casa de Medeiros e morador de serra-acima. Chamava-se o comendador Brito. Tinha sessenta anos e uma dor reumática na perna esquerda. Possuía grandes cabedais e excelente reputação.

Clemente Soares captou as boas graças do comendador Brito nas poucas vezes que ele lá foi. Fez-lhe mil obséquios de pequena monta, cercou-o de todas as atenções, fascinou-o com discursos, a ponto que o comendador mais de uma vez lhe teceu grandes elogios em conversa com Medeiros.

— É um excelente moço, respondia Medeiros, muito discreto, inteligente, serviçal; é uma pérola...

— Tenho notado isso mesmo, dizia o comendador. Nas condições dele ainda não achei pessoa que mereça tanto.

Aconteceu um dia deixar o comendador em cima da escrivaninha de Clemente Soares a boceta do rapé, que era de ouro.

Clemente viu a boceta apenas o comendador voltou as costas, mas não quis incomodá-lo, e deixou-o ir adiante. Na véspera acontecera o mesmo com o lenço, e Clemente teve o cuidado de lho ir levar à escada. O comendador Brito era tido e havido por um dos homens mais esquecidos do seu tempo. Ele mesmo dizia que não esquecia o nariz na cama por tê-lo pregado na cara.

À hora do jantar, disse Clemente Soares ao patrão:

— O comendador esqueceu cá a boceta.

— Sim? É preciso mandá-la. Ó José!...

— Mandar uma boceta de ouro por um preto, não me parece seguro, objetou Clemente Soares.

— Mas o José é fidelíssimo...

— Quem sabe? a ocasião faz o ladrão.

— Não creia nisso, respondeu Medeiros sorrindo; vou mandá-la já.

— Além disso, o comendador é um homem respeitável; não será bonito mandar assim a boceta por um preto...

— Vai um caixeiro.

— Não, senhor, vou eu mesmo...

— Pois quer?...

— Que tem isso? retorquiu Clemente Soares rindo; não é coisa do outro mundo...

— Pois faça o que lhe parecer. Nesse caso leve-lhe também aqueles papéis.

Clemente Soares informado da casa do comendador, meteu-se num tálburi e mandou tocar para lá.

O comendador Brito vinha passar alguns meses na corte; tinha alugado uma bela casa, e deu à mulher (porque Carlotinha era sua mulher) a direção no arranjo e escolha dos móveis, no que ela se houve com extrema perícia.

Não nascera aquela moça entre brocados nem fora educada entre as paredes de casa rica; tinha, porém, um instinto do belo e um grande dom de observação, mediante o que conseguira habituar-se facilmente ao mundo novo em que entrara.

Eram seis horas da tarde quando Clemente Soares chegou à casa do comendador, onde foi recebido com todos os sinais de simpatia.

— Aposto que o Medeiros lhe deu todo este incômodo, disse o comendador Brito, para me mandar uns papéis...

— Trago, com efeito, esses papéis, respondeu Clemente, mas não é esse o principal objeto da minha visita. Trago-lhe a caixa de rapé, que V. Excia. esqueceu lá.

E dizendo isto tirou do bolso o aludido objeto, que o comendador recebeu com alvoroço e reconhecimento.

— Eu havia de jurar que tinha deixado na casa de João Pedro da Veiga, onde fui comprar uns bilhetes para serra-acima. Agradeço-lhe muito a sua fineza; mas por que veio pessoalmente? por que tomou este incômodo?

— Quando fosse incômodo, respondeu Clemente, e está longe disso, ficaria bem pago com a honra de ser recebido por V. Excia.

O comendador gostava de ouvir finezas como todos os mortais que vivem debaixo do sol. E Clemente Soares sabia-as dizer de modo especial. De maneira que já essa noite passou-a Clemente em casa do comendador, de onde saiu depois de prometer que voltaria lá mais vezes.

Trouxe boas impressões do comendador; não assim de Carlotinha que parecia extremamente severa com ele. Debalde o rapaz a cercava de atenções e respeitos, afetando não a ter conhecido, quando aliás podia alegar um beijo que lhe dera uma vez, a furto, entre duas janelas, no tempo do namoro...

Mas não era Clemente Soares homem que envergonhasse ninguém, muito menos uma moça que ainda podia fazê-lo feliz. Por isso não saiu dos limites do respeito, convencido de que a pertinácia vence tudo.

V

E venceu.

Ao cabo de um mês já a esposa do comendador não se mostrava arisca e o tratava com vivos sinais de estima. Clemente supôs que estava perdoado. Redobrou de atenções, tornou-se um verdadeiro escudeiro da moça. O comendador morria por ele. Era o ai-jesus da casa.

Carlotinha estava mais bela do que nunca; antigamente não podia realçar as graças pessoais com os inventos da indústria elegante; mas agora, que lhe sobravam meios, a boa moça tratava quase exclusivamente de pôr em relevo o seu airoso porte, tez morena, olhos negros, testa elevada, boca de Vênus, mãos de fada, e o mais que a imaginativa dos namorados e dos poetas costuma dizer em casos tais.

Estaria Clemente apaixonado por ela?

Não.

Clemente antevia que os dias do comendador não eram longos, e se havia de ir tentar alguma empresa, mais duvidosa e arriscada, não era melhor continuar aquela já começada alguns anos antes?

Ignorava ele por que concurso de circunstâncias Carlotinha tinha escolhido aquele marido, cujo único mérito, para ele, era ter uma grande riqueza. Mas concluía de si para si que ela seria essencialmente vaidosa, e para captar-lhe as boas graças, fez e disse tudo o que pode seduzir a vaidade de uma mulher.

Um dia ousou fazer uma alusão ao passado.

— Lembra-se, disse ele, da Rua das Mangueiras?

Carlotinha franziu a testa e saiu da sala.

Clemente ficou fulminado; meia hora depois estava reposto na sua habitual indolência e

mais disposto que nunca a perscrutar o coração da moça. Julgou, porém, que era prudente deixar passar algum tempo e procurar outros meios.

Passeava uma tarde com ela no jardim, enquanto o comendador discutia com Medeiros debaixo de uma mangueira sobre alguns assuntos de comércio.

— Que me disse outro dia o senhor a respeito da Rua das Mangueiras? perguntou repentinamente Carlotinha.

Clemente estremeceu.

Houve um silêncio.

— Não falemos nisso, disse ele sacudindo a cabeça. Deixemos o passado que morreu.

Não respondeu a moça e os dois continuaram a passear silenciosamente até que se acharam assaz distantes do comendador.

Clemente rompeu o silêncio:

— Por que me esqueceu tão depressa? disse ele.

Carlotinha levantou a cabeça com um movimento de surpresa; depois sorriu-se com ironia e disse:

— Por que o esqueci?

— Sim.

— Não foi o senhor quem me esqueceu?

— Oh! não! Eu recuei diante de uma impossibilidade. Era infeliz nesse tempo; não tinha os meios necessários para desposá-la; e preferi o desespero... Sim, o desespero! Nunca a senhora há de ter idéia do que sofri nos primeiros meses da nossa separação. Sabe Deus que lágrimas de sangue chorei no silêncio... Mas era necessário. E bem vê que foi obra do destino, porque a senhora é hoje feliz.

A moça deixou-se cair em um banco.

— Feliz! disse ela.

— Não é?

Carlotinha abanou a cabeça.

— Por que se casou então com...

Estacou.

— Acabe, disse a moça.

— Oh! não! perdoe-me!

Foram interrompidos por Medeiros, que vinha de braço com o comendador, e disse em voz alta:

— Sinto dizer, minha senhora, que preciso do meu guarda-livros.

— E eu estou às suas ordens, respondeu Clemente rindo, mas um pouco despeitado.

No dia seguinte já Carlotinha não pôde ver o rapaz sem corar um pouco, excelente

sintoma para quem prepara uma viúva.

Quando lhe pareceu conveniente, expediu Clemente Soares uma carta flamejante à moça, que lhe não respondeu, mas que também não se zangou.

Neste meio-tempo ocorreu que o comendador terminara alguns negócios que o trouxeram à corte, e teve de partir para a fazenda.

Foi um golpe nos projetos do rapaz.

Poderia ele continuar a entreter aquela esperança que a sua boa estrela lhe deparara?

Assentou de dar batalha campal. A moça, que parecia sentir inclinação para ele, não opôs grande resistência e confessou que sentia renascer-lhe a simpatia de outro tempo, acrescentando que se não esqueceria dele.

Clemente Soares era um dos mais perfeitos comediantes que têm escapado ao teatro. Simulou algumas lágrimas, expectorou alguns soluços e despediu-se de Carlotinha como se tivesse por ela a maior paixão deste mundo.

Quanto ao comendador, que era o mais sincero dos três, sentiu separar-se de um cavalheiro tão distinto como Clemente Soares, ofereceu-lhe os seus serviços, e pediu com instância que não deixasse de o ir visitar à fazenda.

Clemente agradeceu e prometeu.

VI

Quis a desgraça de Medeiros que os negócios lhe corressem mal; duas ou três catástrofes comerciais o puseram às portas da morte.

Clemente Soares fez quanto pôde para salvar a casa de que dependia o seu futuro, mas nenhum esforço era possível contra um desastre marcado pelo destino, que é o nome que se dá à tolice dos homens ou ao concurso das circunstâncias.

Achou-se sem emprego nem dinheiro.

Castrioto compreendeu a situação precária do rapaz pelo cumprimento que este lhe fez nesse tempo, justamente porque Castrioto, tendo sido julgada casual a sua falência, alcançara proteção e meios para continuar o negócio.

No pior da sua posição, recebeu Clemente uma carta em que o comendador o convidava a ir passar algum tempo na fazenda.

Sabedor da catástrofe de Medeiros, queria o comendador naturalmente dar a mão ao rapaz. Este não esperou que repetisse o convite. Escreveu logo dizendo que daí a um mês se poria em marcha.

Efetivamente um mês depois saía Clemente Soares em caminho do município de ***, onde era a fazenda do comendador Brito.

O comendador esperava-o ansioso. E não menos ansiosa estava a moça, não sei se

porque já lhe tivesse amor, se porque ele fosse uma distração no meio da monótona vida rural.

Recebido como amigo, tratou Clemente Soares de pagar a hospitalidade, fazendo-se conviva alegre e divertido.

Ninguém o poderia melhor do que ele.

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjear por todos os modos.

Infelizmente, dez dias depois da sua chegada à fazenda, adoeceu gravemente o comendador Brito, por maneira que o médico poucas esperanças deu à família.

Era ver o zelo com que Clemente Soares servia de enfermeiro do doente, procurando por todos os meios suavizar-lhe os males. Passava noites em claro, ia aos povoados quando era necessário fazer alguma coisa mais importante, consolava o doente já com palavras de esperanças, já com animada conversa, cujo fim era distraí-lo de pensamentos lúgubres.

— Ah! dizia o pobre velho, que pena que eu o não conhecesse há mais tempo! Bem vejo que é um verdadeiro amigo.

— Não me elogie, comendador, dizia Clemente Soares, não me elogie, que é tirar o mérito, se o há, destes deveres agradáveis ao meu coração.

O procedimento de Clemente influiu no ânimo de Carlotinha, que nesse desafio de solicitude soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida. Ao mesmo tempo fez com que em seu coração se desenvolvesse o germe de afeto que Clemente de novo lhe lançara.

Carlotinha era uma moça frívola; mas a doença do marido, a perspectiva da viuvez, o desvelo do rapaz, tudo fez nela uma profunda revolução.

E mais que tudo, a delicadeza de Clemente Soares, que, durante esse tempo de tão graves preocupações para ela, nenhuma palavra de amor lhe dirigiu.

Era impossível que o comendador escapasse à morte.

Na véspera desse fatal dia, chamou os dois a si, e disse com voz fraca e comovida:

— Tu, Carlota, pela afeição e respeito que me tiveste durante a nossa vida de casados; tu, Clemente, pela verdadeira dedicação de amigo, que me tens provado, sois ambos as duas únicas criaturas de quem levo saudades deste mundo, e a quem devo gratidão nesta e na outra vida...

Um soluço de Clemente Soares cortou a palavra ao moribundo.

— Não chores, meu amigo, disse o comendador com voz terna, a morte na minha idade, não é só inevitável, é também necessária.

Carlota estava banhada em lágrimas.

— Ora, pois, continuou o comendador, se me querem fazer o último favor, ouçam-me. Passou um relâmpago pelos olhos de Clemente Soares. O rapaz inclinou-se sobre a cama. O comendador tinha os olhos fechados.

Houve um longo silêncio, no fim do qual o comendador abriu os olhos e continuou:

— Consultei novamente a minha consciência e Deus, e ambos aprovam o que vou fazer. São ambos moços e merecem-se. Se se amarem, juram casar-se?

— Oh! não fale assim, disse Clemente.

— Por que não? Eu já tenho os pés na sepultura; não me fica mal dizer isto. Quero deixar felizes as pessoas a quem mais devo...

Foram as suas últimas palavras. No dia seguinte, às oito horas da manhã, deu a alma a Deus.

Algumas pessoas da vizinhança ainda assistiram aos últimos instantes do fazendeiro. Fez-se o enterro no dia seguinte, e pela tarde pediu o nosso Clemente Soares um cavalo, despediu-se da jovem viúva, e tomou caminho da corte.

Não veio, porém, até à corte. Deixou-se estar nas imediações da fazenda, e no fim de oito dias apareceu lá em busca de não sei que objeto que lhe havia esquecido.

Carlottinha, quando soube que o rapaz estava na fazenda, teve um momento de regozijo, de que logo se arrependeu em respeito à memória do marido.

Curta foi a conversa dos dois. Mas foi quanto bastou para fazer a felicidade de Clemente.

— Vá, disse ela, que eu bem compreendo a grandeza de sua alma nesta separação. Mas prometa que voltará daqui a seis meses...

Juro.

VII

Pedira o comendador aquilo que os dois desejavam ardentemente.

Seis meses depois eram casados o jovem Clemente Soares e a gentil viúva; não houve nenhuma escritura de separação de bens, pela simples razão de que o noivo foi o primeiro que propôs a idéia. Verdade é que se a propôs, é porque tinha a certeza de que não seria aceita.

Não era Clemente homem que se encafusasse numa fazenda e se contentasse com a paz doméstica.

Dois meses depois de casado, vendeu a fazenda e os escravos, e veio estabelecer vivenda na corte, onde hoje foi conhecida a sua aventura.

Nenhuma casa lhe fechou as portas. Um dos primeiros que o visitou foi o negociante Medeiros, ainda em tristes circunstâncias, e por tal modo que chegou a lhe pedir algum dinheiro emprestado.

Clemente Soares fez a felicidade da mulher durante um ano ou pouco mais. Mas não passou daí. Dentro de pouco tempo, Carlotinha estava arrependida do casamento; era tarde.

Soube a moça de algumas aventuras amorosas do marido, e censurou-lhe esses atos de infidelidade; mas Clemente Soares motejou do caso, e Carlotinha recorreu às lágrimas.

Clemente levantou os ombros.

Começou uma série de desgostos para a moça, que ao fim de três anos de casada estava magra e doente, e ao fim de quatro expirou.

Fez-lhe Clemente um pomposo enterro a que assistiram até alguns ministros de Estado. Vestiu-se de preto durante um ano, e quando acabou o luto foi viajar para se distrair da perda, dizia ele.

Quando voltou, encontrou os mesmos afetos e considerações. Algumas pessoas diziam ter queixas dele, a quem chamavam ingrato. Mas Clemente Soares não se importava do que a gente dizia.

Aqui acaba a história.

Como! E a moralidade? A minha história é isto. Não é uma história, é um esboço, menos que um esboço, é um traço. Não me proponho a castigar ninguém, salvo Carlotinha, que se achou bem punida de ter amado outro homem em vida do marido.

Quanto a Clemente Soares nenhuma punição teve, e eu não hei de inventar no papel aquilo que se não dá na vida. Clemente Soares viveu festejado e estimado por todos, até que morreu de apoplexia, no meio de muitas lágrimas, que não eram mais sinceras do que ele foi durante sua vida.

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística